

Fernando Henrique não discute dívida

por Maria Hirszman
de Paris

O ministro Fernando Henrique Cardoso e o novo presidente do Clube de Paris, Christian Noyer, que se encontraram nesta segunda-feira, em Paris, não discutiram a questão do reescalonamento de uma nova parcela da dívida pública brasileira que não está incluída em nenhum dos quatro acordos que o País assinou com seus credores internacionais.

Esta questão só será retomada em meados do ano que vem, após a conclusão das negociações com os banqueiros e com o FMI, em fevereiro de 1994. Os termos finais da negociação do Plano Brady serão apresentados ao Senado na próxima semana e a aprovação deverá ocorrer ainda no mês de outubro, acredita o ministro.

O Brasil está completamente em dia com seus compromissos junto ao Clube de Paris e o mal-estar criado com o anúncio da suspensão dos pagamentos há pouco mais de um mês foi completamente dissipado. Tanto Noyer, que exerce também a função de chefe do Tesouro, quanto seu antecessor na direção do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, que atualmente está dirigindo o

Banque de France (banco central francês), declararam a Cardoso uma certa surpresa em relação ao bom desempenho da economia brasileira, e se mostraram dispostos a estimular o investimento francês no País.

O responsável pelo Tesouro demonstrou grande interesse em concluir um acordo de garantia de investimentos com o Brasil, o que "seria uma alavanca adicional, possibilitando novos investimentos". No início deste mês, o governo francês assinou com o Peru um acordo nestes moldes, criando um quadro jurídico estável que dá maiores garantias ao investidor e que estimula os investimentos recíprocos.

Cardoso procurou explicar mais uma vez que a prioridade do governo brasileiro é o combate à inflação, através do equilíbrio fiscal, sem que isso comprometa o crescimento econômico. Com relação ao déficit orçamentário previsto para 1993, o ministro apontou três soluções, que podem se sobrepôr umas às outras. Se a economia brasileira crescer mais do que o previsto, ou a Justiça julgar favoravelmente algumas das pendências tributárias, a situação estaria resolvida.

Senão, será necessário aumentar a arrecadação,

mas Cardoso negou a possibilidade de criação de um novo tributo com este fim. "É a primeira vez que o brasileiro está preocupado com o déficit, o que é bom, se isso não se tornar uma obsessão", alertou Cardoso. O Brasil tem conseguido bons resultados neste campo e o déficit do próximo ano deverá situar-se em 6% do Produto Interno Bruto (PIB).

O segundo dia da agenda do ministro da Fazenda em Paris é dedicado às principais personalidades do executivo francês. Pela manhã, Cardoso se reuniu com o ministro das Relações Exteriores, Alian Juppé, e à tarde com os ministros da Economia, Edmond Alphandéry e da Indústria e Comércio Exterior, Gérard Longuet. O encontro com o primeiro-ministro, Edouard Balladur, que estava em suspenso, foi confirmado na noite de segunda-feira. Entre os assuntos que serão tratados nesses encontros de terça-feira está a negociação da Rodada Uruguai do GATT.

Esperava-se também que Cardoso discutisse com o ministro da indústria sobre importantes vendas que duas grandes empresas pretendem fazer ao Brasil. Mas Fernando Henrique afirmou categoricamente que não veio à França para discutir negócios.

A Thomson está bastante interessada no projeto SI-VAM (Sistema de Vigilância da Amazônia), que envolve a compra de 14 radares, cujo custo total deverá girar em torno de 1,2 bilhões de dólares. O sistema de telecomunicações seria fornecido pela Alcatel. Além disso, a Aerospatiale também tem mostrado interesse em vender helicópteros ao Exército brasileiro. No entanto, ainda não existe nada de muito preciso sobre este eventual negócio. É bem possível que Cardoso volte a tocar no assunto no café da manhã de quarta-feira, organizado pelo Centro Nacional do Patronato Francês e que contará com a presença de vários executivos e empresários.